



Marene Machado Marchi
Jaime Mujica Sallés
Rosa Lía Barbieri
Gustavo Heiden

As gramíneas ornamentais nativas

A família Poaceae (Gramineae) é uma das principais representantes da composição da flora campestre no Rio Grande do Sul. Essa família está representada por 422 espécies no Estado, o que corresponde a 16,4% da flora campestre do Rio Grande do Sul, composta por 2.579 espécies (BOLDRINI et al., 2011). As gramíneas possuem características ornamentais que justificam sua utilização na floricultura, tanto no paisagismo como na arte floral (STUMPF et al., 2009). A utilização das plantas nativas no paisagismo e/ou na arte floral é também uma estratégia para a valorização e a conservação da biodiversidade, e uma possibilidade a mais de geração de renda. A introdução de uma espécie nativa num sistema de cultivo é uma ferramenta importante para a sua preservação (OLIVEIRA JUNIOR et al., 2013). Tradicionalmente, no Brasil, o paisagismo tem priorizado as espécies exóticas em detrimento das nativas. Embora diversas

plantas da flora nacional sejam extremamente valorizadas em outros países, aqui ainda são pouco conhecidas e utilizadas (FISCHER et al., 2007; HEIDEN et al., 2007). Essa realidade aos poucos vai mudando, uma vez que novas pesquisas com o foco na conservação pelo uso estão sendo realizadas no País (DONAZZOLO et al., 2011; STUMPF et al., 2009;). Heiden et al. (2006) mencionaram a problemática causada à economia e ao ambiente com a utilização de plantas ornamentais exóticas no paisagismo, enfatizando, por outro lado, os benefícios oriundos do uso das ornamentais nativas, tais como baixa manutenção, maior adaptabilidade, refúgio de pequenos animais da fauna local, reforço das identidades regionais, e também como atração turística. As gramíneas ornamentais têm grande potencial de uso no paisagismo, principalmente pela versatilidade e disponibilidade de muitas espécies com elevada variabilidade genética (THETFORD, 2012). As mesmas já vêm sendo utilizadas há certo tempo. O botânico português Manoel Pio Corrêa fez um amplo registro dos usos das plantas pela população brasileira, nos seis volumes de sua clássica obra Dicionário de Plantas Úteis do Brasil e das Exóticas Cultivadas (PIO CORRÊA, 1926-1978), entre as quais estão muitas gramíneas. Vários autores no Brasil, Argentina e Uruguai citaram as gramíneas ornamentais e mencionaram o potencial de uso das espécies nativas (ROBREDO; ARBALLO, 2011; RÚGOLO DE AGRASAR; PUGLIA, 2004; SETUBAL et al., 2011; SULEKIC, 2011).

O uso de gramíneas em jardins encontra-se muito difundido na Argentina (SULEKIC, 2011), sendo seu uso no paisagismo um elemento bastante inovador pelas características pouco usuais que apresenta, assim como pela baixa manutenção que requerem. Seu movimento, transparência, iluminação, som das folhas ao vento e intensas mudanças estacionais no paisagismo atraem a atenção dos paisagistas. São apreciadas por sua folhagem e forma das moitas, sendo exploradas no paisagismo como plantas de destaque, conforme a magnitude do seu porte (RÚGOLO DE AGRASAR; MOLINA, 2006). Para o Uruguai, Robredo e Arballo (2011) listaram espécies ornamentais nativas com indicações de uso no paisagismo, entre as quais 55 gramíneas que ocorrem naturalmente nos campos daquele país, sendo que muitas delas também ocorrem no pampa brasileiro.

Para utilizar as espécies como ornamentais é fundamental conhecer a morfologia, a forma de crescimento e a propagação das mesmas, assim como a sua adaptabilidade aos distintos ambientes. Uma vez estabelecidas no ambiente adequado, as gramíneas ornamentais são relativamente fáceis de cuidar, pela mínima exigência quanto à fertilização, irrigação e poda. A manutenção pode variar de acordo com padrões locais de precipitação, textura do solo e capacidade de retenção de nutrientes do local de plantio, mas em geral essas plantas são pouco exigentes (THETFORD, 2012).

Neste capítulo são apresentadas 32 espécies nativas de gramíneas ornamentais nativas do Bioma Pampa.

Agrostis montevidensis Spreng. ex Nees



O capim-mimoso é uma erva encontrada em campos úmidos.

A planta é perene, cespitosa, com até 30 cm de altura, verticalizada, simétrica, com colmos filiformes, cilíndricos e frágeis. A inflorescência é uma panícula laxa, de coloração roxo-violácea, sem aroma perceptível. Floresce de janeiro a março.

Planta de porte pequeno com uma inflorescência delicada, translúcida, brilhante, o que lhe confere potencial ornamental. Adequada para o paisagismo, pode ser utilizada em canteiros, em grupos formando maciços, o que dará maior visibilidade às inflorescências. Na arte floral, suas inflorescências agrupadas propiciam leveza e volume aos arranjos, tanto secos como frescos.



Andropogon bicornis L.



O capim-rabo-de-cavalo, capim-rabo-de-raposa ou capim-rabo-de-burro é uma planta encontrada em solos arenosos, em formações campestres.

A planta é perene, cespitosa, sem rizomas, de grande porte, com 130 cm a 180 cm de altura, verticalizada e simétrica, sem aroma perceptível. Suas inflorescências eretas, muito ramificadas, densamente plumosas, pilosas, corimbiformes, brilhantes, esverdeadas com ápice prateado quando jovem, tornam-se cor-de-vinho ao amadurecer ou secar. Floresce durante todo o ano.

Pode ser usada em jardins como planta de fundo, onde as inflorescências fornecem um toque de paisagem de campo. Suas inflorescências são adequadas para uso na arte floral, em arranjos frescos ou secos, como flores de corte complementares. Para isso, devem ser coletadas jovens, quando estiverem com coloração prateada, permitindo assim uma maior durabilidade após o corte.







Andropogon glaucophyllus Roseng., B.R. Arrill. & Izag.



O capim-azul é uma planta de solos arenosos que ocorre nas planícies próximas ao mar.

A planta é perene, de 110 cm a 200 cm de altura, verticalizada, simétrica, formando densas touceiras, com dimorfismo foliar, apresentando folhas curtas e longas na mesma planta, glabras, glaucas e opacas, com até 80 cm de comprimento, eretas quando jovens e curvadas quando maduras, sem aroma perceptível. As inflorescências são eretas, terminais, glabras, cor-de-vinho, com dois ou três ramos. Floresce e frutifica de dezembro a maio.

O hábito de grande porte, a coloração e forma das folhas, e a inflorescência exposta justificam seu uso no paisagismo como plantas de destaque em amplos espaços, isoladamente ou agrupadas. Suas inflorescências eretas e vináceas podem ser utilizadas na arte floral, fornecendo um toque de cor e delicadeza aos arranjos.



Andropogon virgatus Ham.



O capim-do-brejo é uma erva que ocorre em locais alagados, podendo formar grandes populações.

A planta é perene, cespitosa, sem rizomas, de médio porte, com 42 cm a 150 cm de altura, verticalizada, simétrica, esverdeada quando jovem e vinácea mais madura. Suas inflorescências são apicais, estreitas, congestionadas, rígidas, com ramos floríferos curtos, opacos, verde-vináceos, sem aroma perceptível. Floresce e frutifica durante o ano todo.

O aspecto rígido, opaco e original de suas inflorescências lhe confere qualidades estéticas que justificam seu uso no paisagismo. São adequadas para a composição de maciços. Na arte floral as inflorescências imprimem rigidez e preenchimento em arranjos secos e frescos.



Anthaenantia lanata (Kunth) Benth. (ex *Leptocoryphium lanatum*)



O capim-prateado é uma erva encontrada nos campos naturais.

A planta é perene, cespitosa, com forma verticalizada, simétrica, de pequeno porte, com 50 cm a 100 cm altura, sem aroma perceptível. As inflorescências são linear-lanceoladas, de 10 cm a 20 cm de comprimento, eretas, lanosas, pilosas, brilhantes, com pelos branco-prateados quando jovens que se tornam amarelo-castanhos quando maduros. Floresce desde novembro até maio.

Suas inflorescências esbranquiçadas, eretas e delicadas parecem insignificantes no campo, mas quando agrupadas, formam lindos conjuntos florais, podendo ser utilizadas na arte floral em arranjos secos ou frescos. Apresentam boa durabilidade após o corte. Devem ser coletadas jovens e penduradas para secar de cabeça para baixo, para manter o formato das inflorescências.



Aristida circinalis Lindm.



A barba-de-bode-tenra prefere areais, dunas e campos abertos com solos arenosos. Também se desenvolve bem em terrenos altos e pedregosos, sendo uma espécie característica de restinga e de campos arenosos no litoral.

Espécie cespitosa, perene, ereta, de 30 cm a 100 cm de altura. Folhas filiformes, flexuosas, de até 50 cm de comprimento. A inflorescência é uma panícula ereta, linear, contraída, de 10 cm a 30 cm de comprimento, com espiguetas aristadas, sem aroma perceptível. Floresce e frutifica de dezembro a abril.

É uma planta graciosa, sua inflorescência delicada, arroxeadada e com aristas confere potencial ornamental. Adequada para o paisagismo, pode ser utilizada em canteiros, em grupos formando maciços. Espécie pouco exigente quanto à água, pode ser cultivada em locais ensolarados de solo bem drenado. Na arte floral, suas inflorescências agrupadas propiciam movimento e leveza aos arranjos, tanto secos como frescos.



Aristida jubata (Arechav.) Herter



A barba-de-bode-baixa é uma erva encontrada em campos naturais.

A planta é herbácea, perene, de médio porte, de 40 cm a 80 cm de altura, com forma arredondada, simétrica, com lâminas foliares filiformes e pendentes, sem aroma perceptível. As inflorescências são laxas, glabras, pendentes, com espiguetas rosadas a cor-de-vinho e aristas longas. Floresce e frutifica de novembro a janeiro.

Seu hábito delicado, formando touceiras arredondadas, confere aptidão para uso no paisagismo, como planta de destaque ou bordaduras em jardins. Suas inflorescências laxas e pendentes são adequadas para a arte floral, imprimindo um toque delicado e diferenciado aos arranjos secos ou frescos.



Aristida laevis (Nees) Kunth



A barba-de-bode-alta é uma espécie frequente em campos altos e em solos secos, ocorrendo também em campos pedregosos e arenosos.

A espécie é perene, cespitosa, verticalizada, ereta, de até 130 cm de altura e forma touceiras robustas e densas. As folhas são lineares, planas, com até 60 cm de comprimento. Apresentam uma linha de pelos curtos na base da folha, perceptíveis a campo pelo tato. As inflorescências são em forma de panícula espiciforme, estreita, reta, densa, contínua. As espiguetas apresentam calo subagudo, sem coluna e com aristas curtas subiguais com até 5 cm de comprimento. Floresce desde setembro, frutificando até outubro.

É uma planta que chama a atenção no campo, por suas inflorescências densas que se destacam sobre a folhagem. No paisagismo a espécie pode ser cultivada a pleno sol, exigindo pouca irrigação, formando maciços em jardins marítimos e outros ambientes com essas características extremas. Na arte floral seu uso é indicado nos arranjos frescos ou secos, dando um aspecto compacto e gracioso simultaneamente.



Aristida megapotamica Spreng. var. *megapotamica*



A barba-de-bode é uma espécie frequente em campos serranos, podendo ocorrer também em campos secos, pedregosos ou arenosos.

A espécie é perene, cespitosa, ereta, de 50 cm a 140 cm de altura, formando touceiras de altura média, de folhagem dura. As lâminas foliares basais são planas e recurvadas quando velhas, as superiores estreitas, ásperas, convolutas, flexuosas e de ápice agudo, com até 50 cm de comprimento por 2,5 mm a 5 mm de largura. A inflorescência é uma panícula espiciforme, reta e estreita, densa, de 10 cm a 35 cm de comprimento, com espiguetas aristadas, sem aroma perceptível. Floresce desde dezembro até abril.

A planta é verticalizada adequada para o uso no paisagismo em canteiros, em grupos formando maciços ou como planta de destaque. Durante a floração suas inflorescências verdes e paleáceas ganham destaque no campo, aumentando o seu valor ornamental. Na arte floral, suas inflorescências vistosas propiciam volume e visibilidade aos arranjos, tanto secos como frescos.



Aristida riograndensis Severo & Boldrini



A barba-de-bode-nativa é uma espécie endêmica do Rio Grande do Sul, pouco frequente, que ocupa campos secos e subarbustivos.

A planta é perene, cespitosa, com 50 cm a 70 cm de altura, com folhas finas e eretas, de até 85 cm de comprimento. A inflorescência é uma panícula aberta ou subcontraída, descontínua, pendente, arroxeadada, com até 34 cm de comprimento. As espiguetas apresentam grandes aristas subiguais com até 10 cm de comprimento. A floração inicia em dezembro.

Devido à formação de touceiras arredondadas, seu uso é adequado no paisagismo para a composição em maciços ou como planta de destaque, a pleno sol, exigindo pouca água. Quando florescida, a planta ganha um maior destaque pelas inflorescências que imprimem coloração, brilho e se movem com o vento. Na arte floral, as inflorescências imprimem um gracioso efeito de movimento e leveza aos arranjos.



Bothriochloa laguroides (DC.) Herter



O capim-pluma-branca é uma herbácea perene, cespitosa, de 30 cm a 80 cm de altura. As inflorescências são do tipo panícula subdigitada, curta, apical, pilosa e de coloração branca. É comum no Rio Grande do Sul, ocorrendo nos campos naturais e também em locais alterados. Desenvolve-se em solo arenoso e é tolerante a períodos de seca. Floresce de outubro a fevereiro e frutifica de novembro a março.

Quando as touceiras são pastejadas ou cortadas, formam um gramado adequado ao paisagismo, com poucas exigências de solo. Nos gramados não aparados dessa espécie, emergem panículas branco-prateadas que brindam um toque de cor. As inflorescências esbranquiçadas e plumosas, quando maduras, prateadas e contraídas quando jovens, e com aroma de limão se friccionadas, justificam seu uso na arte floral. Os ramos floríferos podem ser utilizados na arte floral, secos ou frescos, com boa durabilidade pós-colheita.







Bromus catharticus Vahl



A cevadilha é uma planta encontrada no campo, na beira de estradas e em locais alterados.

A planta é anual ou perene, cespitosa, verticalizada, assimétrica, de médio porte, com 30 cm a 90 cm de altura. As folhas são concentradas na base, com 10 cm a 30 cm de comprimento, verdes, apresentando um movimento gracioso e irregular. As inflorescências nascem dos ramos eretos, são abertas e pendentes, com 10 cm a 40 cm de comprimento. As espiguetas são comprimidas lateralmente, coloridas e listradas, com tons de verde (verde-claro e verde-escuro). São violáceas quando jovens e se tornam paleáceas quando secas ou maduras. Não apresentam aroma perceptível. As plantas florescem e frutificam de setembro a dezembro.

Seu uso no paisagismo é indicado em canteiros ou jardins amplos, naturalistas, devido ao seu aspecto de vegetação campestre, porte grácil e o ruído das inflorescências quando balançam com o vento. Podem ser usadas em agrupamentos ou maciços, associadas com outras espécies nativas. Na arte floral seus ramos floríferos podem ser usados em arranjos, frescos ou desidratados, agregando delicadeza e volume.



Calamagrostis viridiflavescens Steud.



A palha-de-prata é uma espécie campestre que ocorre em campos secos e locais alterados, como beira de estradas, onde pode formar grandes agrupamentos.

A planta é perene, cespitosa, verticalizada, assimétrica, com 60 cm a 120 cm de altura. As folhas são lineares, verde-azuladas, estão concentradas na base da planta e medem de 5 cm a 20 cm de comprimento. Os colmos são achatados na base. As inflorescências são do tipo panícula com muitos ramos geralmente pendentes, com 12 cm a 25 cm de comprimento. Floresce de fevereiro a abril e a frutificação pode estender-se até maio.

No paisagismo, seu aspecto ornamental se acentua quando utilizado em agrupamentos, devido ao movimento das suas inflorescências ao vento, durante a floração e a frutificação. Os ramos floríferos são longos, verdes e marrons quando jovens, tornando-se paleáceos ao secarem e esbranquiçados quando já amadureceram. Podem ser utilizados em arranjos secos ou frescos, fornecendo um efeito vertical e pendente, ao mesmo tempo, devido à forma das suas panículas.



Chascolytrum subaristatum (Lam.) Desv.



O capim-brisa é abundante nos campos naturais e beira de estradas, em solos pedregosos e arenosos.

A planta é herbácea, perene, de pequeno porte, com 30 cm a 90 cm de altura, verticalizada, assimétrica e com folhas basais. Suas inflorescências em panículas pendentes apresentam de 6 cm a 12 cm de comprimento, são glabras, verdes quando jovens e cor-de-vinho quando maduras, sem aroma perceptível. Floresce de outubro a dezembro.

No paisagismo, a planta pode ser usada em maciços, conferindo movimento aos jardins. Devido ao seu aspecto pendente e delicado, suas inflorescências formam lindos conjuntos florais quando agrupadas. Os ramos floríferos apresentam boa durabilidade após o corte, o que lhes confere aptidão para uso em arranjos frescos. Para arranjos secos, devem ser coletados jovens e ser desidratados em ambiente protegido, pendurados de cabeça para baixo, para não deformar a inflorescência com o peso das espiguetas.



Chascolytrum uniolae (Nees) Essi, Longhi-Wagner & Souza-Chies



O capim-treme-treme é uma erva que se desenvolve melhor em campos úmidos, mas pode ser encontrada em beira de estradas ou em campos secos.

A planta é herbácea, perene, de pequeno a médio porte, com 30 cm a 135 cm de altura, verticalizada, assimétrica, sem aroma perceptível. As inflorescências medem de 10 cm a 25 cm de comprimento, são contraídas, densas, opacas, cilíndricas e eretas, com espiguetas glabras, de cor esverdeada a paleácea. Floresce logo no início da primavera, estendendo sua floração até dezembro.

A coloração e a forma das inflorescências justificam seu uso na arte floral, agrupadas em arranjos frescos ou secos. Apresentam boa durabilidade após o corte. Devem ser coletadas jovens e ser desidratadas em ambiente protegido, penduradas para não deformar a inflorescência com o peso das espiguetas.



Cortaderia selloana Asch. & Graebn.



O capim-dos-pampas ou macega é uma planta encontrada em formações campestres, na vegetação secundária, em beira de estradas, locais alterados e em solos arenosos.

A planta é perene, cespitosa, simétrica, de grande porte, com até 3 metros de altura, incluindo a panícula (que chega a medir 80 cm). Os colmos são densos, eretos e cilíndricos. As folhas lineares, com coloração verde-brilhante, são eretas até certa altura e depois se curvam até o chão, ressaltando as panículas, muito ornamentais. As margens das folhas são serrilhadas e cortantes. As inflorescências são bastante chamativas, com coloração branco-prateada ou branco-rosada, pilosas, não aromáticas. Floresce de dezembro a março.

Amplamente reconhecida como planta ornamental e mundialmente utilizada no paisagismo, em maciços ou como planta de destaque. Na arte floral suas inflorescências podem ser usadas em arranjos, frescas ou desidratadas, naturais ou tingidas.







Elionurus muticus (Spreng.) Kuntze



O capim-limão é uma planta herbácea, encontrada em areais e em campos pobres, secos e arenosos.

A planta é perene, simétrica, com 50 cm a 70 cm de altura. Forma touceira arredondada, compacta, com folhas verde-brilhantes. As folhas têm agradável aroma de limão quando friccionadas. Suas inflorescências espiciformes (com forma de espiga) são solitárias, eretas, pilosas, aromáticas, branco-prateadas, às vezes com tonalidades rosadas, podem medir de 8 cm a 10 cm de comprimento. Floresce de outubro a novembro.

Adequada para uso no paisagismo devido à forma de suas touceiras e aspecto das folhas. Pode ser utilizada como planta de destaque no jardim ou em bordaduras. As inflorescências podem ser utilizadas na arte floral, frescas ou secas. Sua durabilidade após o corte nos arranjos é maior quando coletadas jovens. Após desidratar, o ápice das inflorescências se torna curvado, conferindo um aspecto inusitado ao arranjo.



Eragrostis airoides Nees



O capim-pendão-roxo ocorre preferencialmente em locais úmidos e arenosos e periferias de banhados, onde pode formar pequenos agrupamentos, comportando-se também como espécie ruderal, ocupando locais alterados como beiras de estradas e terrenos abandonados. É uma planta apreciada pelo gado, por isso aparece com maior abundância em campos não pastejados.

A planta é perene, cespitosa, ereta, com até 110 cm de altura. As inflorescências são panículas rosadas ou arroxeadas, muito grandes, com até 80 cm de comprimento, delicadas, abertas, laxas, muito difusas e ramificadas, com espiguetas diminutas. Floresce no verão e no início do outono.

O destaque dessa espécie no paisagismo é dado pelo grande tamanho e a elegância das panículas, que brindam uma movimentação difusa, e pela coloração rosada, fornecendo um aspecto etéreo ao jardim. Quando não estão florescidas, formam moitas arredondadas e podem ser utilizadas como planta de bordadura em canteiros ou jardins. As inflorescências podem ser empregadas na arte floral, já que conservam a tonalidade e o formato original, fornecendo um aspecto muito gracioso e transparente ao arranjo.



Eustachys distichophylla (Lag.) Nees



O capim-coqueirinho é uma espécie campestre que ocorre em campos secos e locais alterados, como beira de estradas, onde forma grandes agrupamentos.

A planta é perene, cespitosa, verticalizada, assimétrica, com 70 cm a 140 cm de altura. As folhas são lineares, verde-azuladas, concentradas na base da planta e medem de 5 cm a 25 cm de comprimento. Os colmos são achatados lateralmente na base. As inflorescências são do tipo panícula com muitos ramos, geralmente pendentes, de 10 cm a 30 cm de comprimento. Os ramos floríferos são longos, verdes e marrons quando jovens, tornando-se paleáceos ao secarem e esbranquiçados quando maduros. Floresce de janeiro a abril, a frutificação pode se estender até maio.

Sua aptidão ao paisagismo se acentua quando utilizado em agrupamentos, devido ao movimento das inflorescências ao vento. As hastes florais podem ser utilizadas em arranjos secos ou frescos, fornecendo um efeito vertical e pendente ao mesmo tempo, devido à forma das suas panículas.



Imperata brasiliensis Trin.



O sapé é uma espécie campestre característica de dunas e de campos baixos e úmidos, onde pode formar grandes agrupamentos.

A planta é perene, rizomatosa, com 30 cm a 100 cm de altura. As folhas são planas, linear-lanceoladas com 10 cm a 30 cm de comprimento. As inflorescências são do tipo panícula, alongadas, estreitas, densas, prateadas, com até 15 cm de comprimento. As espiguetas são cercadas por longos pelos sedosos e brancos. Floresce de dezembro a março e frutifica de janeiro a maio.

Pode ser cultivada em locais de solo arenoso e bem úmido, onde os agrupamentos dessa espécie se destacam no campo pelo tom púrpura-avermelhado dos colmos e pelas inflorescências branco-prateadas. Também se dão bem quando cultivadas em vasos. As panículas são adequadas para arranjos frescos e secos, fornecendo um efeito vertical e plumoso muito chamativo.



Ischaemum minus J.Presl



A grama-de-folha-larga ou grama-de-banhado é uma erva perene encontrada em solos arenosos úmidos do litoral.

A planta é estolonífera, horizontalizada, assimétrica, glabra, de colmos prostrados, com 30 cm a 60 cm de altura, sem aroma perceptível. A inflorescência é cor-de-vinho, glabra, opaca e ereta, com dois ramos floríferos geminados, com 3 cm a 4 cm de comprimento. Floresce de setembro até a entrada do inverno.

Devido à formação de touceiras densas, a espécie é adequada para o paisagismo. Pode ser usada como planta de bordadura próximo a locais úmidos, como bordas de lagos e tanques.



Jarava filifolia (Nees) Ciald.



A flechilha é uma espécie que forma agrupamentos nos campos, preferentemente sobre solos pedregosos.

A planta é perene, verticalizada, assimétrica, que forma touceiras cespitosas, densas, com até um metro de altura. As folhas são filiformes, ásperas, compridas, com até 60 cm de comprimento, verde-amareladas e concentradas na base da planta. As inflorescências são panículas eretas, lineares, densas, com até 25 cm de comprimento, apresentam espiguetas pequenas de coloração paleácea a castanha, com arista terminal de 2 cm a 4 cm de comprimento. Floresce e frutifica de setembro a dezembro.

No paisagismo, sua folhagem de textura fina pode ser utilizada nos canteiros, em maciços ou como planta de destaque. Na época da floração, suas inflorescências verticais agregam um caráter inovador na paisagem. O aspecto das inflorescências justifica seu uso na arte floral. A duração após o corte aumenta quando as inflorescências são coletadas jovens.



Melica brasiliiana Ard.



O guizo-de-cascavel é uma erva perene, pouco exigente quanto ao tipo de solo, ocorrendo em locais protegidos pela vegetação arbustiva.

É uma planta cespitosa, tenra, verticalizada, simétrica, de 30 cm a 80 cm de altura, glabra, opaca. Sua inflorescência é ereta, rígida, com coloração que vai de roxa intensa a rosácea quando jovem, tornando-se esbranquiçada à medida que amadurece. Floresce e frutifica de outubro a dezembro.

Suas inflorescências podem ser utilizadas na arte floral, em arranjos frescos ou secos, e devem ser coletadas jovens para aumentar a duração após o corte.



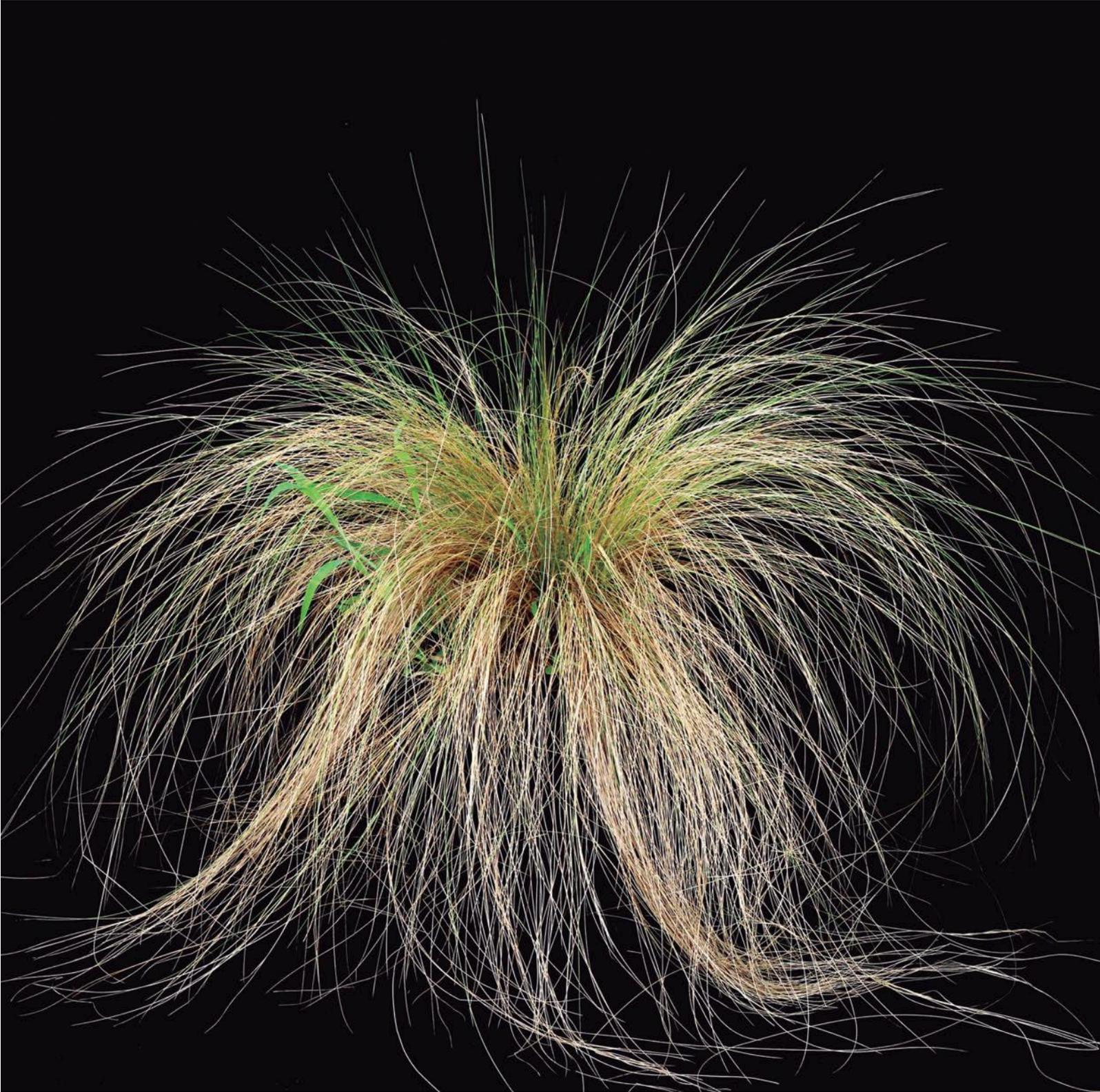
Nassella filiculmis (Delile) Barkworth



A flechilha é uma espécie que habita campos secos e pedregosos.

É uma planta perene, cespitosa, horizontalizada, simétrica, ereta, com 20 cm a 30 cm de altura. As folhas são filiformes e medem até 45 cm de comprimento. As inflorescências são panículas abertas, com colmos muito longos e finos, que se desprendem facilmente, sendo levadas pelo vento. Floresce e frutifica de setembro a janeiro.

Seu hábito ereto, formando touceiras arredondadas, e suas folhas finas, conferem volume e leveza aos jardins. Suas inflorescências formam emaranhados de coloração paleácea sobre a vegetação circundante. As hastes florais longas, pendentes ou prostradas, castanho-claras com arista terminal de até 9 cm, conferem às inflorescências aptidão para uso na arte floral, fornecendo um toque inusitado aos arranjos secos ou frescos.



Nassella melanosperma (J.Presl) Barkworth



A flechilha-negra é uma planta herbácea, encontrada nos campos naturais.

É uma planta perene, verticalizada, assimétrica, de 50 cm a 130 cm de altura. As inflorescências são panículas abertas, com 15 cm a 40 cm de comprimento, glabras, opacas, com espiguetas pêndulas, formando com as aristas uma “chuva” de flechilhas muito ornamental. Floresce e frutifica de outubro a dezembro.

O aspecto das espiguetas, com flechilhas que espetam, marrom-avermelhadas com bases pilosas e aristas esverdeadas, que se retorcem quando secam, confere às inflorescências aptidão para uso na arte floral, fornecendo um toque inusitado aos arranjos.







Panicum racemosum (P. Beauv.) Spreng.



O capim-das-dunas é uma espécie de ambientes arenosos. Ocorre em areais, sobre dunas móveis e semimóveis do litoral, onde pode chegar a formar amplos agrupamentos. Está adaptada a locais de alta luminosidade, vento e falta de água. Tem grande importância ecológica por fixar as dunas com seus extensos e vigorosos rizomas.

É uma erva rasteira, perene, com 40 cm a 55 cm de altura, com um sistema de rizomas muito extenso. A inflorescência é ereta, contraída, densa, pouco ramificada, com 10 cm a 25 cm de comprimento. As espiguetas são globosas, densamente pilosas, branco-prateadas. Floresce desde outubro, frutificando até janeiro.

O destaque ornamental dessa espécie é dado pelas panículas, que fornecem um aspecto prateado e aveludado à inflorescência. É recomendada como cobertura de solo em pequenos jardins, bordas de espelhos de água e jardins marítimos. Em arranjos secos, as hastes florais conferem volume e fazem ressaltar as cores fortes de outras plantas, ou harmonizam as cores pálidas de outros ramos florais do conjunto.



Piptochaetium montevidense (Spreng.) Parodi



Uma das várias gramíneas conhecidas como cabelo-de-porco, essa é uma espécie campestre e ruderal que ocorre em diversos tipos de solos, desde terrenos muito secos até úmidos. Em alguns locais de solos rasos e secos, as plantas formam grandes agrupamentos.

Espécie perene, cespitosa, ereta, baixa, que forma pequenas e delicadas touceiras arredondadas, de textura fina, com até 60 cm de altura. As folhas são verde-escuras, abundantes e concentradas na base, filiformes, de 5 cm a 30 cm de comprimento. As inflorescências são do tipo panículas contraídas ou abertas, densifloras, verdes quando jovens e violáceas quando maduras, com até 10 cm, de ramos laterais subverticilados. Floresce a partir de setembro e frutifica de novembro até janeiro.

Espécie com baixo requerimento de água e tolerante à intensa insolação solar. O destaque dessa planta é durante a floração, quando aparecem suas inflorescências delicadas de tons violáceos, com as pequenas aristas em destaque. As inflorescências, quando jovens, fornecem um efeito vertical e, quando abertas, dão ideia de movimento. As espiguetas podem conservar a tonalidade violácea quando desidratadas, dando cor ao arranjo, ou ficar paleáceas, o que possibilita sua utilização com outras plantas de tonalidades mais vivas.



Piptochaetium panicoides (Lam.) E. Desv.



Mais uma das várias gramíneas conhecidas como cabelo-de-porco, essa espécie é característica de campos arenosos e das dunas marítimas continentais, onde pode chegar a ser abundante.

É uma planta perene, cespitosa, ereta, de textura fina, que forma pequenas touceiras arredondadas com folhas abundantes e concentradas na base. As folhas são filiformes, flexuosas com até 30 cm. A inflorescência é uma panícula contraída, linear, densiflora, com até 10 cm. As espiguetas são pequenas, de tons violáceos ou esverdeados. Floresce a partir de outubro e frutifica de novembro até dezembro.

A planta é recomendada para o paisagismo, em locais arenosos, exigindo pouca irrigação e alta luminosidade. Suas folhas fornecem um delicado efeito de movimento, especialmente quando combinadas com outras plantas. As inflorescências são eretas e contraídas, onde se destacam as pequenas aristas que fornecem um efeito vertical aos ramos florais. As espiguetas podem conservar a coloração violácea ou tornar-se paleáceas, possibilitando seu uso junto a outros ramos florais.



Piptochaetium ruprechtianum E. Desv.



O flechilhão é uma espécie campestre bastante comum, que pode ser encontrada em distintos tipos de solos, sendo mais frequente em campos secos ou pedregosos.

A planta é perene, cespitosa, ereta, forma touceiras esparsas e pouco densas, de até 1 metro de altura. As folhas são lineares, de textura fina, com até 35 cm de comprimento. As inflorescências são formadas por panículas grandes, abertas ou laxas, paucifloras, de tons violáceos, com até 25 cm de comprimento, com ramos subverticilados. As espiguetas apresentam antécios fusiformes, castanhos quando maduros, de base pontiaguda com pelos castanhos, e de arista longa de até 9 cm. Floresce a partir de setembro e frutifica de novembro a janeiro.

No paisagismo seu uso é recomendado por suas touceiras evidenciadas à distância, com as grandes panículas laxas, curvadas pelo peso dos antécios. Seu uso na arte floral, nos arranjos frescos, se deve às panículas violáceas, com longas aristas que fornecem um efeito de movimento e transparência aos mesmos. Nos arranjos secos, as aristas frequentemente ficam enroladas umas nas outras, dando destaque aos tons castanho dos antécios, paleáceos das aristas e violáceos das espiguetas.



Poa lanigera Nees



O pasto-lanoso é uma planta cespitosa, que ocorre em campos naturais, em diversos tipos de solos.

A espécie tem plantas que são femininas e outras que são masculinas. São perenes, com 30 cm a 70 cm de altura e colmos eretos. As inflorescências são contraídas, cilíndricas, compactas, com 4 cm a 15 cm de comprimento e 2,3 cm a 3,5 cm de largura, verde-violáceas quando jovens e paleáceas quando maduras. Floresce de setembro a novembro.

A textura e a coloração dos ramos floríferos, e a boa durabilidade após o corte das inflorescências, tanto masculinas como femininas, justificam seu uso na arte floral, em arranjos frescos e secos.



Setaria parviflora (Poir.) Kerguélen



O capim-rabo-de-raposa é uma espécie campestre, frequente em solos secos, que pode ser encontrada facilmente em locais alterados, crescendo em campos baldios, beira de estradas e plantações.

É uma espécie perene, cespitosa, de colmos geralmente eretos, com 30 cm a 80 cm de altura. As folhas são linear-lanceoladas ou lanceoladas, planas, com até 40 cm de comprimento, tenras. As inflorescências são do tipo panículas espiciformes, cilíndricas, eretas, com até 12 cm de comprimento. As espiguetas são elípticas e estão acompanhadas por quatro ou mais cerdas com até 1,4 cm de comprimento. Floresce e frutifica de novembro a maio.

Seu uso está indicado na arte floral, pelas suas inflorescências que são cilíndricas, compactas, eretas e de cor amarelada até violácea. As inflorescências podem ser empregadas nos arranjos florais, quando jovens, ou após a queda dos antécios, quando se tornam esbranquiçadas pela cor das cerdas que persistem nas mesmas. Neste caso, oferecem aos arranjos um toque transparente e leve.



Sorghastrum pellitum (Hack.) Parodi



A macega-mansa é uma planta que ocorre em campos arenosos.

É uma gramínea perene, verticalizada, simétrica, ereta, com 150 cm a 170 cm de altura, com folhas duras e panículas terminais laxas e muito vistosas, sem aroma, brilhantes e pilosas. Suas inflorescências são longas, com 18 cm a 24 cm de comprimento, compactas e contraídas, com tonalidades que variam do creme ao avermelhado. Floresce de outubro a dezembro.

No paisagismo, seu hábito ereto e vistoso confere volume e leveza aos ambientes. A planta ganha maior destaque na época da floração, pois suas inflorescências agregam cores e movimento à paisagem. O aspecto das inflorescências justifica seu uso na arte floral. A duração após o corte aumenta quando as inflorescências são coletadas jovens.







Referências

BOLDRINI, I. I.; SETUBAL, R. B.; SCHNEIDER, A. A.; TREVISAN, R. Checklist das Angiospermas campestres do Rio Grande do Sul, Brasil. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, 62., 2011, Fortaleza. **Botânica e desenvolvimento sustentável: anais**. Fortaleza: EdUECE, 2011. 1 CD-ROM.

DONAZZOLO, J.; VOLPATO, C.; NODARI, R. O. Programa de melhoramento genético participativo da goiabeira-serrana na Serra-Gaúcha: conservando a agrobiodiversidade pelo uso. **Cadernos de Agroecologia**, v. 6. n. 2, p. 1-6, 2011.

FISCHER, S. Z.; STUMPF, E. R. T.; HEIDEN, G.; BARBIERI, R. L.; WASUM, R. A. Plantas da flora brasileira no mercado internacional de floricultura. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 5. n.1, p. 510-512, 2007.

HEIDEN, G.; BARBIERI, R. L.; STUMPF, E. R. T.; GROLLI, P. R. Uso de plantas arbóreas e arbustivas nativas do Rio Grande do Sul como alternativa às ornamentais exóticas. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2. p. 851-853, 2007.

HEIDEN, G.; BARBIERI, R. L.; STUMPF, E. T. Considerações sobre o uso de plantas ornamentais nativas. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, v.12, p. 1-7, 2006.

OLIVEIRA JUNIOR, C. J. F.; GONÇALVES, F. S.; COUTO, F.; MATAJS, L. Potencial das espécies nativas na produção de plantas ornamentais e paisagismo agroecológico. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 8, n. 3, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/rbagroecologia/article/view/13330>>. Acesso em: 2 set. 2014.

PIO CORRÊA, M. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1926-1978. 6 v.

ROBREDO, A.; ARBALLO, E. **Herbáceas, gramíneas y aves asociadas de la costa atlántica de Maldonado, Uruguay**. Montevideo: Ed. de los autores, 2011. 240 p.

RÚGOLO DE AGRASAR, Z. E.; MOLINA, A. Generalidades e importância de las gramíneas. In: MOLINA, A.; RÚGOLO DE AGRASAR, Z. E. **Flora Chaqueña** – Argentina - (Formosa, Chaco y Santiago del Estero: familia gramíneas). Buenos Aires: INTA, 2006. p. 25-29.

RÚGOLO DE AGRASAR, Z. E.; PUGLIA, M. L. Gramíneas ornamentales. HURRELL, J. A. (Ed.). **Plantas de la Argentina Silvestres y Cultivadas**. Buenos Aires: Editorial LOLA, 2004. 336 p.

SETUBAL, R. B.; BOLDRINI, I. I.; FERREIRA, P. M. A. **Campos dos Morros de Porto Alegre**. Porto Alegre: Igré Associação Sócio-Ambientalista, 2011. 254 p.

SULEKIC, A. A. Gramíneas ornamentales del noroeste argentino. **Revista Jardín online**. 2011. Disponível em: <http://www.revistajardin.com.ar/nota.asp?nota_id=1369065>. Acesso em: 21 set. 2013.

STUMPF, E. R. T.; BARBIERI, R. L.; HEIDEN, G. (Ed.). **Cores e formas no Bioma Pampa: plantas ornamentais nativas**. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2009. 276 p.

THETFORD, M. **Considerations for selection and use of ornamental grasses**. Gainesville: University of the Florida: IFAS Extension, 2012. Disponível em: <<http://edis.ifas.ufl.edu/ep233>>. Acesso em: 10 nov. 2013.



